

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS  
CENTRO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO**



Trabalho de Conclusão de Curso

**ANÁLISE DISCURSIVA DO GÊNERO TIRAS EM *CALVIN E HAROLDO*: UM  
PROJETO ENUNCIATIVO DE CRÍTICA SOCIAL**

**Priscila Magalhães Martins**

Pelotas, 2015

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS  
CENTRO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO**

**ANÁLISE DISCURSIVA DO GÊNERO TIRAS EM *CALVIN E HAROLDO*: UM  
PROJETO ENUNCIATIVO DE CRÍTICA SOCIAL**

**Trabalho de conclusão de curso  
apresentado ao Curso de Letras –  
Redação e Revisão de Textos da  
Universidade Federal de Pelotas, como  
requisito parcial à obtenção do título de  
Bacharela em Letras.**

Orientadora: Profa. Dra. Karina Giacomelli

**Pelotas, dezembro de 2015**

Priscila Magalhães Martins

Análise discursiva do gênero tiras em *Calvin e Haroldo*: um projeto  
enunciativo de crítica social

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado, como requisito parcial, para obtenção do grau de Bacharela em Letras Redação e Revisão de Textos, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 03 de dezembro de 2015

Banca examinadora:

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Karina Giacomelli (Orientadora)  
Doutora em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Márcia Dresch  
Doutora Letras-Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

“O homem vive dentro do mundo como corpo, o mundo vive dentro do homem como palavra.”

**José Carlos de Azeredo**

## **RESUMO**

Este trabalho desenvolveu-se através de análises discursivas do gênero tiras. Especificamente, das tiras do quadrinista norte-americano Bill Watterson, *Calvin and Hobbes*, conhecidas no Brasil por *Calvin e Haroldo*. Amparadas pelas questões sobre gênero discursivo a partir das ideias abordadas pelo Círculo de Bakhtin, selecionamos dez tiras que retratassem nos quadrinhos um projeto enunciativo de crítica social diante da mesquinhez humana, tão presente no contexto de mundo atual. Dessa maneira, buscou-se tanto refletir sobre a construção do gênero discursivo “tiras”, quanto mostrar o engajamento de Watterson em não somente entreter os leitores de seus quadrinhos. Encaramos tal postura do autor como uma possível tentativa de aprofundar em seus leitores as visões de sociedade e mundo retratando a superficialidade das relações e atitudes humanas.

**Palavras-chave:** Análise discursiva; Gênero tiras; Crítica social.

## **RESUMEN**

Este trabajo se desarrolló por medio de análisis discursivos del género tira cómica. Específicamente, de las tiras del dibujante norteamericano Bill Watterson, Calvin y Hobbes, conocidas en Brasil como “Calvin e Haroldo”. Apoyadas por las cuestiones acerca del género discursivo a partir de las ideas abordadas por el Círculo de Bajtín, elegimos diez tiras cómicas que retrataran en las viñetas un proyecto enunciativo de crítica social frente a la mezquindad humana, tan presente en el actual contexto de mundo. Así, se buscó tanto reflexionar sobre la construcción del género discursivo “tiras cómicas” como mostrar el compromiso de Watterson en no solo entretenér los lectores de sus historietas. Encaramos tal postura del autor como un posible intento de profundizar en sus lectores las visiones de sociedad y de mundo, retratando la superficialidad de las relaciones y actitudes humanas.

**Palabras-clave:** Análisis discursivo; Género tiras cómicas; Crítica social.

## **Sumário**

INTRODUÇÃO .....	8
1. GÊNEROS DO DISCURSO EM BAKHTIN .....	10
1.1 A concepção dialógica de discurso .....	10
1.2 Gêneros do discurso .....	15
1.3 Análise dialógica de gêneros do discurso .....	18
2. TIRAS DE CALVIN E HAROLDO – ANÁLISE DISCURSIVA .....	21
2.1 O gênero “tiras” .....	21
2.2 Análise enunciativa das tiras .....	23
3. Considerações finais .....	33
REFERÊNCIAS .....	34

## **INTRODUÇÃO**

As tiras desenvolveram-se a partir das histórias em quadrinhos para ilustrar as páginas dos jornais, uma produção escrita e desenhada criada com o objetivo de proporcionar aos leitores uma percepção concisa sobre acontecimentos universais. A tira, por ser um modelo ágil e preciso em retratar com perspicácia e muitas vezes com certa ironia os paradoxos existentes na sociedade, tornou-se cativa na imprensa há mais de um século. No entanto, foi apenas na década de 1970 que suas narrativas começaram a figurar as páginas dos jornais nacionais, e até hoje permanecem servindo tanto como fonte de entretenimento quanto como fonte de informação aos leitores de jornais pelo mundo todo.

Diante dessa perspectiva, parte-se da necessidade de mostrar a relevância e profundidade existente na construção da tira como um gênero discursivo que, por apresentar uma arquitetura primeiramente visual, pode ser interpretado e rotulado, muitas vezes, somente como destinado ao público mais jovem ou mesmo infantil. Assim, este trabalho pretende analisar, especificamente, algumas das tiras produzidas pelo norte-americano Bill Watterson denominadas *Calvin e Haroldo*.

Tratando mais especialmente da análise das marcas linguísticas presentes nas tiras, busca-se fazer um estudo baseado na tríade descrição-análise-interpretação a partir dos postulados do Círculo de Bakhtin para entender como o autor organiza o seu discurso dentro dos quadrinhos de acordo com as condições sociais, históricas e ideológicas. Nessa perspectiva, o trabalho em questão consiste em verificar, através da análise das tiras, se há elementos linguísticos que permitam postular que o projeto enunciativo de Watterson é promover um discurso crítico por meio dos enunciados aparentemente triviais de um garoto de seis anos, questionador e irreverente. Os temas presentes nos diálogos de Calvin, seja com seu tigre de pelúcia e amigo imaginário Haroldo, com Susie, sua colega de classe, ou com seus pais, encontra-se carregado de ideologias, indicando o intuito do autor

em discutir questões pertinentes ao mundo atual.

O trabalho de análise desenvolveu-se a partir de um recorte de dez (10) tiras que tratam da preservação da natureza, guerra e violência, machismo, poluição etc. Essa seleção foi feita a fim de se mostrarem tiras que podem ser enquadradas no que se pretende demonstrar aqui: mais do que procurar um efeito de humor explorando o universo infantil, os quadros de Calvin podem ser exemplares de um gênero discursivo de crítica social.

Em relação à estruturação dos tópicos, primeiramente busca-se explicar os postulados do Círculo de Bakhtin, no qual se discutem questões essenciais para o trabalho como interação, dialogismo e gênero a fim de dar embasamento para a Análise Dialógica do Discurso, teoria e prática com a qual se estudará as tiras. Na segunda parte, faz-se a análise discursiva dos textos selecionados.

## **1. GÊNEROS DO DISCURSO EM BAKHTIN**

Trabalhar com a noção de gênero do discurso a partir da perspectiva do Círculo de Bakhtin ou mais especificamente das ideias desse autor, torna a compreensão de dialogismo e interação, algumas das concepções basilares de sua teoria, primordial. Essas noções são fundamentais para um entendimento maior, por exemplo, como Bakhtin e os demais pensadores de seu círculo procuram situar os textos no todo do discurso, a partir do gênero, e das relações que se mantém entre o eu e o outro, o que, em última instância, vai determinar o seu projeto do dizer, ou seja, seu projeto enunciativo.

### **1.1 A concepção dialógica de discurso**

Os preceitos advindos dos estudos do Círculo de Bakhtin não se encontram postulados de forma sistemática e organizada, com o intuito de moldar e limitar uma forma rígida e focalizada de analisar o discurso, ou seja, a língua viva. Na verdade, segundo Brait (2003), as obras de Bakhtin, Voloshinov, Medvedev, etc. motivaram um entendimento maior – o entendimento do mutável, do disforme e heterogêneo, que é representativo e característico das linguagens, da história e dos sujeitos que fazem uso dessa língua e, estão de tempos em tempos, apropriando-se de seus discursos e remodelando-os.

O dialogismo resulta do embate de vozes sociais que falam e polemizam sobre os diferentes tópicos da vida humana. Dessa maneira, Barros (2003) salienta que uma mesma língua abriga discursos contrastantes, já que, como afirma Bakhtin, há, sobre todo e qualquer signo linguístico, a incidência de julgamentos de valor contraditório. Muitas vezes mascarada, a natureza dialógica da linguagem representa a condição do sentido do discurso, pois é o espaço onde a troca de reflexões entre o eu e o tu, ou seja, o eu e o outro, acontece. Portanto, Bakhtin, ao concluir que nenhuma palavra é de fato nossa, sugere a necessidade de deslocamento da centralidade do sujeito, uma vez que o outro lhe é constitutivo,

para ser possível a compreensão do conceito de dialogismo interacional da linguagem.

A chave para a constituição do tom e do fio dos discursos, em seus vários campos – estético, ético, cognitivo, religioso, acadêmico – encontra-se diante da variedade de relações com o outro, determinando e comportando as posições relativas dos interlocutores envolvidos, e, em quais esferas de atividade em que é possível e aceitável tais articulações. Diante disso, como elucida Sobral (2010), ao optar uma palavra em detrimento de outra já se está manipulando o gênero discursivo; ou seja, entendendo e avaliando o que será dito de acordo com as relações sociais e históricas que se têm com os participantes de uma dada situação comunicativa.

Os discursos são moldados diante de um contexto, portanto, enunciados não aparecem isolados, são sempre determinados através de um tempo e de um espaço. Ao afirmar essa concepção, Bakhtin explica que a constitutividade ideológica do enunciado, e, como tudo que for composto e referir-se à consciência social, viabiliza-se diante do intercâmbio com o outro. De acordo com Pereira e Rodrigues (2010), todo e qualquer enunciado presumirá duas esferas intrínsecas à sua realização: os enunciados já-ditos (seus antecessores) e os enunciados pré-figurados (seus sucessores no tempo e no espaço). Assim, os autores enfatizam:

Dessa forma, podemos entender que, ao mesmo tempo em que os enunciados, do ponto de vista da eventicidade, são únicos e irrepetíveis, do ponto de vista da historicidade, eles são dialógicos, pois, como unidades concretas de comunicação, dialogam constantemente na concretude das interações com outros enunciados (já-ditos e pré-figurados), “tecendo” sentidos. (2010, página 150)

Como Bakhtin postula um entendimento de gênero abrangendo de maneira integrada os aspectos textuais, discursivos e genéricos, então, partindo da inter-relação desses elementos, vinculou o texto ao gênero mediante o discurso. Dessa forma, qualquer materialidade expressiva, seja ela som, imagem, sinais, ou o próprio texto (unidade linguístico-composicional) constitui-se através de um discurso

(processo de mobilização de textos para a realização de projetos enunciativos).

Segundo Sobral (2010), a relação indissolúvel existente entre texto-discurso-gênero mantém o aparato técnico da análise dialógica do discurso. Logo, pode-se compreender o *texto* (não estritamente textual) como parte fundamental do pressuposto de instauração de sentidos; o *discurso*, como a base do projeto enunciativo, pois representa a unidade do nível prático social, nas quais emergem relações de interlocução e o *gênero* como formas-conteúdo de acontecimentos sociais e ideológicos, que existem unicamente porque as formas textuais são mobilizadas discursivamente. Os sentidos dos textos advêm das suas ligações com o conceito de gênero; por isso, a ligação imprescindível entre texto e contexto para instaurar uma compreensão precisa do discurso. Nas palavras do autor:

[...] o texto é um conjunto de potenciais de sentidos, realizados apenas na instauração do discurso; o discurso vem de alguém e dirige-se a alguém (ou seja, é “endereçado”), o que modula sua arquitetônica, e traz em si um tom avaliativo, ao mesmo tempo em que remete a uma compreensão responsiva ativa da parte do seu interlocutor típico – *nos termos do gênero no qual se insere.* (SOBRAL, 2010, p. 11; grifo do autor)

A frase representa uma unidade estrutural, pois é uma sequência de palavras, ou às vezes apenas uma palavra, distribuída e organizada, amparada pela sintaxe da língua; já o enunciado é uma unidade de sentido, significação, uma unidade comunicacional, e, portanto, somente apreensível diante de seu contexto de produção e recepção.

A concepção de gênero impõe-se à materialização da linguagem através de enunciados concretos, com interior e exterior articulados dentro de uma relação discursiva. O enunciado representa a situação extraverbal realizada através do verbal. Dessa maneira, como explicitam Brait e Melo (2005), três fatores serão relevantes para configurar a sua aparição, são eles: i) o horizonte espacial em comum dos participantes da interação, ii) o conhecimento e a compreensão dividida por eles nessa interação e iii) a avaliação comum dessa situação interacional.

A enunciação pode ser entendida como o processo que torna um enunciado concreto, ou seja, um todo significativo na presença de sujeito e de história. Dessa maneira, para que o processo de interação seja assimilado pelos interlocutores, o enunciado concreto deverá compreender duas instâncias, a primeira a parte percebida ou realizada das palavras e, por último, a parte presumida.

Nas obras do Círculo, Bakhtin, de acordo com Sobral (2010), explica o texto como complementar à assimilação do sentido; isto é, os potenciais de sentidos do texto só se realizarão na produção/recepção do discurso. Assim, mediante a interpelação pelo discurso, é que as possibilidades de sentido serão apreensíveis. Frase e texto são unidades formalizadas pela língua, retratam a materialidade linguística. Enunciado e discurso transcendem o escrito/dito, pois são determinantes em atos de linguagem sociais concretos. O autor complementa: “a frase e o texto como materialidade não têm ‘autor’, ao passo que o enunciado e o discurso *pressupõem necessariamente* um ‘autor’, que sempre está em relação dialógica com algum interlocutor”. (SOBRAL, 2010, p. 11)

Ao ser proferido num contexto e endereçado, ou seja, dirigido a outros sujeitos, o texto torna-se enunciado, torna-se o objeto materializado da linguagem. Sendo, assim, é possível instaurar sentidos através de suas marcas textuais. Portanto, não há sujeitos nem contextos apreensíveis linguisticamente sem a presença de discursos materializados por textos. Por isso, “O discurso é assim o ponto de convergência entre um dado evento de construção simbólica do mundo e o cenário desse evento, sendo assim a unidade em que se manifesta a real natureza da língua”. (Idem, p. 15)

Ainda que os sujeitos façam uso de frases iguais, o modo de dizer de cada um deles alterará o dito e lhe garantirá uma nova e atual concepção. A linguagem possui um repertório com padrões de dizer social, histórica e ideologicamente convencionados, o sujeito é o manipulador dessas estruturas que faz com que cada enunciação, até mesmo ao ser repetida pelo mesmo sujeito, torne-se um novo

enunciado, com uma nova perspectiva.

A interação entre os sujeitos linguísticos engloba todo um sistema de crenças, de valores históricos e ideológicos, cambiáveis de sujeito para sujeito em razão do lugar em que estes encontram-se inseridos na sociedade. Portanto, as ideias do Círculo sobre a marca de identidade assimilada e reproduzida pelos sujeitos, ou seja, o discurso, mostram que essa concepção somente foi possível a partir da concepção de signo ideológico, e a compreensão do discurso somente é possível a partir da sua tradição sócio-histórica e de uma análise embasada pelo processo de diálogo entre sujeitos.

Barros (2003) pontua que as diferentes vozes participantes do discurso, referidas tanto como dialogismo quanto como polifonia, em sua grande maioria ecoam anônimas, imperceptíveis e impessoais; mas, todo e qualquer discurso encontra-se influenciado por vozes sociais que foram assimiladas, elaboradas, citadas, mascaradas através da história da língua e dos processos de interação, de intercâmbio linguístico entre os seus falantes. Constitutivos do discurso, o falante, o ouvinte e o tópico do discurso são responsáveis diretos pela interação social.

O homem para viver em sociedade precisa materializar suas formas de visão sobre o mundo, suas reflexões e seus pensamentos, seja a partir de textos ou de outros dispositivos semióticos, por isso, segundo Sobral (2010) na visão dialógica do discurso, os gêneros são também considerados formas de ação, de forma que, na interação, por balizarem o processo discursivo do autor, funcionam como índices referenciais à construção dos enunciados, e no processo de compreensão e interpretação do enunciado (a construção da reação-resposta ativa) pelo interlocutor, por estimular suas expectativas. No momento em que se utiliza a linguagem e se instaura a comunicação com o outro, está-se, em um primeiro instante, no âmbito individual e subjetivo, caracterizado por nossas escolhas lexicais, o estilo que detém a informação; logo, porém, passa-se ao âmbito social e coletivo, que é de fato a enunciação, a expressão dos pensamentos, deixando o discurso em aberto para avaliações, pressuposições, interpretações, julgamentos, respostas, etc.

## **1.2 Gêneros do discurso**

Como explica Fiorin (2006), se os gêneros são meios representativos e apreensíveis da realidade, o aparecimento de novos gêneros constitui-se a partir de novos modos de enfrentar e conceptualizar a realidade. O contrário também pode ocorrer, e então novos gêneros possibilitarão novos olhares sobre a realidade circundante. Tanto a fala quanto a escrita tornam-se possíveis e acessíveis porque são constituídas em gêneros, o que leva à compreensão de que aprender a falar e a escrever trata-se, anteriormente, de aprender sobre os gêneros discursivos.

Sobral (2010) enfatiza os gêneros como discursivos porque a radicalidade do conceito de gênero em Bakhtin e no Círculo não é capaz de ser depreendida em sua totalidade por uma análise estrita, pura e simplesmente, em termos textuais. O discurso engloba o texto e a situação de enunciação, ou seja, a realização textual é dependente do discurso, e este último, de um gênero. A necessidade em estabelecer uma compreensão mediante a dependência existente entre as formas de inserção do discurso em lugares sócio-históricos (gêneros de discurso/ discursivos) e das formas específicas de materialização dessa inserção (gêneros textuais), leva o autor a argumentar que:

A (tentativa de) manutenção desse equilíbrio tem como fundamento a ideia de que o interdiscursivo e o extradiscursivo (para além do textual e do intratextual) são elementos constitutivamente presentes nos discursos na forma da intradiscursividade, isto é, a ideia de que a estrutura geral do discurso advém de sua relação com outros discursos, nas várias esferas, nada tendo de isomórfico com as situações empíricas, indo pois além do formalismo dos atos de fala em sua concepção tradicional e das textualidades autárquicas. (2010, p. 02)

A mobilização de formas textuais, no âmbito de um dado gênero, definidoras de inserção pelo discurso ou por uma discursividade através de uma arquitetônica-autoral é denominada, pelo autor, de generificação. Isso torna possível compreender que o que confere sentido ao texto (plano material) é sua convocação em discurso mediante algum gênero.

Desse modo, gêneros são manifestações convencionadas por sujeitos participantes dos mais distintos contextos e estão suscetíveis as variadas mutações e transformações culturais, sendo, por isso, a ideologia criadora de forma. Como apontam Sobral e Giacomelli, os tipos textuais padronizam os textos, mas como os gêneros são mutáveis, essa padronização, diante dos discursos que os englobam, não pode se consolidar. Ou seja:

Quando se vê o texto da perspectiva da enunciação, da linguagem em uso, altera-se por completo o modo de ver o texto! Ele se torna um recurso do gênero, uma unidade de sentido que depende do gênero para ser entendida devidamente. De certo modo, não se pode falar de gênero textual, porque existem apenas tipos de texto (dissertativo, descriptivo, narrativo) como formas padronizadas, enquanto que os gêneros são essencialmente discursivos, logo, advindos da enunciação em vez de ser restritos ao texto! Há sim formas textuais que tipicamente aparecem em certos gêneros, mas estas não são gêneros. (2015, s/p.)

A dupla orientação da realidade trata de reiterar a ideia presente em todos os trabalhos do Círculo sobre o gênero discursivo. De um lado, tempo, espaço e esfera ideológica, implicados nos gêneros são os elementos correspondentes a uma orientação externa. A produção de um enunciado sempre ocorre dentro de um espaço e de um tempo reais, não importando as condições de reprodução, oral ou escrito, mas implicando, necessariamente, receptores, destinatários, ouvintes, leitores. A totalidade do enunciado é garantida, portanto, na interrelação, ou seja, pela interação entre o autor e o receptor. Do outro, a interioridade do gênero, fator que lhe permite ocupar um lugar na vida cotidiana, suas formas, estruturas e conteúdo temático, que os unem ou os aproximam de uma esfera ideológica (constituindo a produção, circulação e recepção de um gênero, demarcando sua relação com a vida, no sentido cultural, social, etc.). Reiterando mais uma vez a concepção de gênero, Brait e Pistori (2012, pág. 383) apontam que:

O gênero emerge de sua totalidade concluída e solucionada do enunciado, que é o ato realizado por sujeitos organizados socialmente de uma determinada maneira. Trata-se de uma totalidade temática, orientada pela realidade circundante, marcada por um tempo e espaço.

O aparato técnico de realização de uma prática social discursiva em termos de

gêneros se viabiliza por meio da textualidade e das formas do texto. Portanto, os gêneros caracterizam-se como formas-conteúdo que remetem aos recortes do mundo socialmente organizado, sendo, por isso, mutáveis. Conforme apontamentos de Sobral (2010), referentes à teoria do Círculo de Bakhtin, o tema, o estilo e a forma de composição são elementos que compõem o aparato técnico da composição, enquanto o projeto enunciativo é o elemento definidor do gênero, pois representa a unidade do intercâmbio verbal.

Para ser possível compreender as relações de autoria e de estilo, Sobral (2009) destaca a necessidade de um duplo olhar sobre as “formas” constituintes dos gêneros. A materialidade do texto refere-se à primeira delas e denomina-se por forma composicional. Expressa por meio da forma composicional, ou seja, o texto que molda o discurso através da língua, a segunda, denomina-se por forma arquitetônica, pois refere tanto à superfície discursiva quanto à organização do conteúdo, mobilizando as relações entre autor, tópico e ouvinte.

Por envolver uma relação ativa entre locutor e destinatário, o gênero não pode ser presumido como uma categoria formal pura e simplesmente, já que, ao envolver uma relação ativa com valoração entre interlocutores, caracteriza a moldura, a materialização das relações sócio-históricas, dando forma às ideologias. Nesse sentido:

[...] adquirimos a língua através dos gêneros, pois não há enunciado que não seja parte de um gênero, do mesmo modo como todo ato humano tem elementos em comum com todos os outros atos, mas traz em si a radicalidade de sua irrepetibilidade, vindo seus sentidos de sua ocorrência num dado *hic et nunc* do mundo concreto, o que envolve a assunção da responsabilidade por sua realização da parte de um ser real singular, um sujeito concreto, que tem no contexto em que deve realizar e assumir seu ato, sempre diante do outro, um espaço de promessa de sua autorrealização e de ameaça de sua desrealização, ou seja, do seu fracasso em autorrealizar-se na execução individual concreta de atos que são parte da totalidade inapreensível dos atos, um todo de que partem todos os atos e ao mesmo tempo é constituído por eles. Logo, a relação enunciativa, relação entre o eu e o outro num dado contexto, é a base da escolha e da mobilização do gênero pelo sujeito.(SOBRAL, 2010, pág. 02; grifo do autor)

O contexto, a esfera de atividade, é o responsável por transformar os gêneros, ou seja, o projeto discursivo do locutor molda-se a determinado gênero. Portanto, quando se assimila o domínio de sentido de determinado gênero textual, ou seja, o que motivou sua aparição, comprehende-se seu conteúdo temático; quando se focaliza sua organização e estruturação, reconhece-se sua construção composicional; e quando se observa a seleção linguística, como escolhas lexicais, fraseológicas e gramaticais, identifica-se o ato estilístico utilizado pelo autor. A permanência de traços semelhantes, ora em seu conteúdo temático, ora em sua construção composicional, ora em seu estilo, levou Bakhtin afirmar que os gêneros caracterizam-se através de enunciados relativamente estáveis, estabelecendo, dessa maneira, a interconexão da linguagem com a vida social.

De acordo com Fiorin (2006), os gêneros foram compreendidos pelo Círculo por dois vieses e, por isso, encontram-se classificados em primários e secundários. Assim, a piada, o bate-papo, a conversa telefônica, o bilhete, o *sms* denominam-se gêneros primários, predominantemente, mas não exclusivamente, orais e possuem relação direta com o contexto mais imediato, por retratarem a vida cotidiana e pertencerem a uma comunicação verbal mais espontânea. Já o artigo científico, o ensaio filosófico, o editorial, o romance, a poesia conceituam-se gêneros secundários por pertencerem à esfera de comunicação cultural mais elaborada, sendo preponderantemente, mas não unicamente, escritos no âmbito acadêmico, filosófico, jornalístico.

### **1.3 Análise dialógica de gêneros do discurso**

O caráter heterogêneo, polifônico, pluriestilístico, interdiscursivo e dialógico dos gêneros requer do analista do discurso um caminho intermitente e exaustivo aos dados, uma investigação profícua em função das suas relativas particularidades. Diante disso, Pereira e Rodrigues explicam que se tratando de uma análise bakhtiniana da linguagem, categorias pré-estabelecidas não podem e, muito menos, devem ser utilizadas e enquadradas pelo pesquisador na análise de seus dados. Em

detrimento de um modo de análise embasado pelos conceitos do Círculo, então, os autores pontuam:

Como afirma Brait (2006b, p. 20-21, grifo do autor), 'm dos maiores ensinamentos de Bakhtin é a atitude diante da linguagem, que consiste não na aplicação de conceitos preestabelecidos, mas *numa atitude dialógica que permite extraír conceitos do corpus analisado*'. (PEREIRA E RODRIGUES, 2010, p. 159)

Dessa forma, o sentido do texto só poderá ser assimilado quando convocar o discurso intrínseco a ele. Conforme explicita Sobral:

Não se vê o mundo para então escolher um gênero, um discurso, um texto – vê-se o mundo, diz Medvedev, com os olhos do gênero, e portanto dos discursos a ele ligados, não do texto, embora este seja a realidade imediata que o analista encontra em seu trabalho e dele deva partir, e apesar de o locutor ter como realidade imediata as coerções do texto. Se não há gênero ou discurso que se realize sem texto, não há texto que exista sem discurso e sem gênero, Palavras, frases e textos trazem potenciais de sentido que o discurso e o gênero instauram na e pela enunciação, que é sempre negociada. (2010, pág. 08)

Em relação a esse aspecto, escolher um gênero implica, diretamente, na escolha de um *tema* (posição do sujeito com relação ao assunto) e da posição típica do gênero, e, também, na escolha das *formas* (alteradas ao longo do tempo, do espaço, das situações de enunciação etc.) em que o enunciado do sujeito é constituído para direcionar o tema ao seu interlocutor. Há uma necessidade em enxergar o texto na sua completude, por isso, o tema, o estilo e a forma encontram-se indissociáveis, e, para entender um texto é necessário estabelecer primeiro quem produz esse gênero (sua produção), logo, onde ele é produzido (sua circulação) e por último a quem se dirige (sua recepção). Nas palavras de Sobral e Giacomelli, o que devemos considerar na compreensão de um gênero discursivo:

(1) as condições sociais e históricas em que o gênero é produzido e recebido e as esferas nas quais circula, bem como o locutor típico os produz para que interlocutor típico e (2) as características linguístico-textuais desses exemplares: as palavras, formas sintáticas, tipos de texto, formas de textualização etc. presentes (que podem estar em outros textos de outros gêneros, mas que num dado gênero, têm alguma natureza típica). (2015, no prelo)

Portanto, se o projeto enunciativo é o que o autor apresentará mediante um dado gênero, de forma mais efetiva, para compreendê-lo em sua totalidade, devemos fazer as seguintes “perguntas”:

- Quem é o locutor e o interlocutor?
- Onde esse exemplar de gênero circula?
- O que o locutor pretende realizar com esse gênero?
- O que espera do interlocutor?
- Como ele se dirige ao interlocutor?
- Que recursos linguísticos mobiliza?
- Que efeitos produz?

Conforme Sobral (2006), a descrição apresenta a materialidade do texto; a análise procura verificar de que modo essa materialidade se organiza; e a interpretação reúne os dados anteriores do ponto de vista do contexto de enunciação e da materialidade do texto. Nesse sentido, este trabalho, envolve a descrição, a análise e a interpretação dos exemplares dos gêneros, ou seja, das tiras de *Calvin* e *Haroldo* e, para isso, segue metodologicamente a proposta de Sobral e Giacomelli (2015) a partir de três princípios:

- (1) Partir de textos efetivamente produzidos (recolher exemplares reais dos gêneros).
- (2) Verificar de que modo os sujeitos realizam interações com esses textos (verificar a que propósitos esses textos servem);
- (3) Examinar as formas linguísticas em sua significação habitual (levar em conta que os sentidos criados no gênero recorrem às significações que os dicionários registram e as transformam)

## **2. TIRAS DE CALVIN E HAROLDO – ANÁLISE DISCURSIVA**

### **2.1 O gênero “tiras”**

O gênero tiras desenvolveu-se a partir das histórias em quadrinhos – as popularmente conhecidas HQs – a fim de se exporem, nos jornais, algumas com certa picardia, conteúdos de extrema relevância à sociedade, e propagar informações acerca do mundo, retratando acontecimentos religiosos, políticos, econômicos, familiares, etc. Algumas foram criadas, porém, com o intuito apenas de proporcionar momentos de entretenimento e descontração aos leitores.

De acordo com Sarmento e Tufano (2004), a comunicação dessa arte em quadros instaura-se também através das suas ilustrações, usadas para complementar a narração do autor e, também, para auxiliar o entendimento por parte dos leitores. Por meio de balões, o diálogo das personagens apresenta-se de forma direta. A forma como os balões mostram-se contornados sugerem o que será apresentado pelo autor; dessa maneira, balões com linhas contínuas representam a fala da personagem em tom normal; linhas interrompidas no contorno dos balões caracterizam uma fala sussurrada; balões com aparência de zigue-zague retratam onomatopeias, gritos, personagens com raiva etc.; enquanto balões com o formato que lembram nuvens identificam certa reflexão ou o surgimento de uma ideia pela personagem.

O formato clássico das tiras e das suas piadas desdobradas em quadros, segundo Patati e Braga (2006, p. 23), surgiram devido à escassez de espaço nos jornais; portanto o gênero tiras é considerado um texto de caráter jornalístico, pois foi criado, em fins do século XIX, pela imprensa norte-americana com o intuito de diversificar o conteúdo diário apresentado nos jornais, expondo, a partir de uma linguagem estética verbal e não verbal, diálogos, na maioria das vezes bem-humorados, aptos em burlar censuras e servir de apoio como bandeira ideológica

em momentos conturbados. Assim,:

(...) foi nas páginas dos jornais que ela se consolidou como uma categoria estética de expressão de opinião sobre o cotidiano, representada por personagens que nos imitam. Ela traz humor, trata com ironia, satiriza e provoca reflexões, tanto as trivialidades do dia-a-dia quanto as questões mais sérias do país e do mundo. (NICOLAU, 2007, p. 24)

Essa arte sequencial, por ser um modelo ágil e imediato de se retratar com perspicácia, e muitas vezes certa ironia, os paradoxos existentes na sociedade, tornou-se cativa nas páginas dos jornais e folhetins do mundo há mais de um século. Mas, apenas na década de 1970 começa a figurar nas páginas dos jornais nacionais, mantendo-se até hoje na imprensa brasileira.

Publicadas em mais de 2.400 jornais pelo mundo todo, as tirinhas do quadrinista norte-americano Bill Watterson *Calvin and Hobbes* começaram a ser exibidas nos periódicos em 18 de novembro de 1985 e mantiveram-se por pouco mais de uma década, quando, em dezembro de 1995, o criador anunciou a aposentadoria da série. *Calvin e Haroldo*, como são conhecidos no Brasil, referem-se, respectivamente, ao protagonista, um menino de seis anos irreverente e cheio de personalidade, que teve seu nome inspirado no teólogo Calvin (1504-1564), um dos representantes das reformas eclesiásticas; e a um tigre de pelúcia chamado Hobbes, a quem Calvin, com a ajuda da sua imaginação elege como melhor amigo e confidente, e companheiro das suas aventuras. Seu nome é inspirado no matemático, teórico político e filósofo inglês Thomas Hobbes (1588-1679).

Mesmo retratando, muitas vezes, somente de forma lúdica as peripécias aprontadas pelo garoto de seis anos na companhia de seu tigre de pelúcia e amigo imaginário, parece aparente que Watterson não objetivava ter as suas tiras limitadas a esse universo infantil de brincadeiras e trivialidades. Sendo assim, o autor, de forma recorrente, tratou de apresentar também o engajamento das suas personagens com a vida em sociedade. Debatendo dentro dos quadrinhos o cotidiano humano e o jeito contraditório com que as pessoas levam suas vidas,

Calvin passa a questionar, muitas vezes, o real sentido da existência e das ações humanas.

Assuntos como meio ambiente, política, família e a sociedade em geral são temáticas que foram apresentadas constantemente nas tiras de Watterson e são usados para suscitar reflexões sobre o mundo. São algumas dessas tiras que serão analisadas neste trabalho.

## **2.2 Análise enunciativa das tiras**

Este trabalho focalizou-se nas tiras de Watterson que tratam justamente de questões sociais, uma vez que o objetivo aqui é mostrar que, além de retratar a singularidade do universo infantil e o humor que daí decorre, há, em algumas tiras, o que se denomina como um projeto enunciativo de crítica social. Assim, foi feita uma seleção nos livros publicados no Brasil e foram procuradas tiras que evidenciassem o que Sobral (2010) aponta como o definidor de um determinado gênero – tem-se, portanto, a tira de humor crítico.

Inicialmente, na análise, é preciso determinar as condições sociais e históricas em que o gênero é produzido e recebido e as esferas nas quais circula bem como o locutor típico os produz para que interlocutor típico. Como já foi mencionado, essas tiras circularam (e circulam ainda) em jornais do mundo todo, o que permite afirmar que contém um componente de universalidade, pois os mesmos assuntos são lidos nas mais diversas partes e, se fazem sentido a ponto de serem publicadas e lidas, devem, de alguma forma, retratar assuntos comuns a todos.

Também se evidencia que se tratam de textos que podem ser grosseiramente divididos em dois espectros – um lúdico, infantil, de uma criança às voltas com sua realidade e seus problemas: a escola, o relacionamento com os pais, implicância com a comida, a babá, a colega de aula, o amigo imaginário, etc., ainda que se mostre, de forma peculiar essas questões; e um outro, que evidencia uma reflexão

de cunho mais adulto das questões do mundo em geral. Por isso, vê-se que, embora haja um locutor típico, cuja criticidade se evidencia na intenção de destacar as particularidades seja do universo infantil seja do que se pode dizer “adulto”, as tiras podem ser lidas por interlocutores diversos, em princípio por circularem em jornais com os mais variados leitores. No entanto, dado o caráter crítico de parte das tiras e mesmo a singularidade com que são mostradas aquelas referentes ao contexto do menino, o interlocutor desses textos trata-se provavelmente de um leitor também crítico, que, de certo modo, engaja-se no projeto enunciativo do autor.

Depois de estabelecido esses pontos, é necessário ver as características linguístico-textuais desses exemplares: as palavras, formas sintáticas, tipos de texto, formas de textualização etc. presentes que podem estar em outros textos de outros gêneros, mas que neste gênero assumem uma natureza típica. Isso será feito em um recorte de dez (10) tiras.

Tira 01



A tira acima se desenvolve a partir de dois quadrinhos. Em ambos os quadros, aparecem Calvin e Haroldo caminhando em uma paisagem florestal. No primeiro quadro Calvin relata ao amigo que estivera lendo sobre espécies que estão sendo levadas à extinção porque os homens destroem as florestas. Note-se o uso de “lendo”, ou seja, a referência a um universo do conhecimento, o que se opõe ao “achismo” comumente associado ao fato de haver vida em outros planetas, tópico dessa tira. Isso é reforçado pela palavra “indício”, que também pertence ao campo

discurso da científicidade, da pesquisa. Aliam-se, então, teoria e prática (leitura e observação) para evidenciar o que é “óbvio” – seres inteligentes não entrariam em contato com os homens desse planeta porque estes estão destruindo a natureza, o que claramente não é um sinal de inteligência tal qual os extraterrestres.

Tira 02



De novo com Calvin e Haroldo em cena, a tira agora possui quatro quadrinhos. Novamente o tópico é a destruição da natureza. Opõem-se, agora, animais e humanos, pois as árvores do local, na qual havia muitos animais, foram derrubadas para dar lugar a um condomínio. A ironia está no nome dado a este: “Sombras das árvores”. Observe-se que Calvin coloca como sujeito os animais, ou seja, se, para ele, as árvores eram para os animais, as sombras também devem ser. Porém, o que é destacada é a única sombra do local, de um trator. A oposição se dá então entre as sobras de árvores/sombras de máquinas e homens/animais. Isso é o que configura o tema da tira – a crítica à ação destrutiva do homem sobre a natureza.

Tira 03



Também construída a partir de quatro quadrinhos, na tira 03, aparecem Calvin e Susie na sala de aula, aparentemente conversando sobre um assunto banal relativo à escola, em uma atividade que envolve desenho. Observando o desenho da colega, o menino desdenha o trabalho feito, recorrendo a uma organização linguístico-discursiva de oposição masculino/feminino. Neste, a paisagem doméstica, o jardim florido; naquele, ações e conquistas. Representam-se, então, o papel passivo da mulher e ativo do homem; o lugar restrito (casa) oposto ao amplo (mundo). O tópico até aqui, é o machismo que, no entanto, é substituído, no último quadro pela descrição do desenho de Calvin: o bombardeio na cidade. Tem-se então, novamente, a crítica ao papel do homem que antes se referia o sexo masculino, considerado, mesmo na crítica o papel positivo, como positivo, pois os “homens é que mudam o mundo”. O que se vê, no fechamento da tira, é novamente o tema da destruição comandada pelo homem, ressignificando a mudança apontada anteriormente e mostrando o projeto enunciativo do autor, qual seja a crítica ao papel do homem no mundo. São, então, dois tópicos que são mobilizados para o desenvolvimento do tema da tira.



Tira 04

Na tira 04, o tema é novamente a destruição da natureza, o efeito estufa, desenvolvido a partir de um diálogo entre mãe e filho. Já no primeiro quadrinho a marca linguística “tal” mostra que a tira se inicia a partir de um desconhecimento do menino sobre o assunto, reforçada pelo “dizem”. Essas palavras, no entanto, indicam também seu afastamento do assunto, ou seja, algo que ele não conhece, do qual não pode falar ou mesmo ser responsabilizado – note-se a oposição destacada entre “você” e “eu” no terceiro quadrinho. Neste, também, volta o distanciamento: “vocês estão deixando para mim”. A fala da mãe, no último quadro, porém, desfaz esse efeito, pois destaca que Calvin quer ir de carro a qualquer lugar, mesmo próximo. O humor da tira é, então, conseguido por meio da relação “calotas polares”/calotas de pneus de carro. Se antes as marcas apontavam para o distanciamento pretendido por Calvin, agora refletem a sua tentativa de escapar da responsabilidade.

Assim analisada, essa tira tem como tema a falta de consciência das pessoas que desconhecem um problema ecológico ou o imputam ao outro, mostrando apenas um pequeno universo familiar. Seu tópico, porém, alia-se aos demais – a crítica ao comportamento destrutivo do homem, que parece desconhecer os problemas, culpar os outros ou sair-se com desculpas que não procedem.

Tira 05



Esta tira, composta de apenas um quadro, mostra Calvin e Haroldo assistindo ao por do sol, para contrariedade do menino, o tema tratado. As marcas linguísticas fundamentais aqui, que comprovam o projeto enunciativo do autor de crítica ao comportamento do homem em sociedade é o sintagma “ótimos programas”. Fica claro que, a partir desse enunciado, o que se está realmente querendo destacar é a falta de contato do homem com a natureza, sua incapacidade de ver qualidade (no caso, beleza) em algo que não esteja ligado a uma construção do próprio homem.

Tira 06



A tira seis é composta por quatro quadros e nela também há um diálogo entre Calvin e Haroldo. Note-se na expressão de felicidade do menino ao declarar “peguei”, ainda no primeiro quadro mostrando certa naturalidade em seu ato. Na cena seguinte, as marcas linguísticas “se”, “pudessem” e “fariam” mostram o projeto enunciativo do autor de crítica ao comportamento humano, evidenciado através da perplexidade do tigre diante de atitudes de posse ou de destruição da natureza. Há, ainda, uma similaridade entre os verbos “peguei” e “prender”, mostrando que, na verdade, o homem não se interessa por algo simplesmente por estar na natureza, mas precisa que isso lhe pertença.

Tira 07



Muda-se agora o tópico, pois Calvin e Haroldo dialogam a respeito do Natal. Infere-se que ambos já haviam discutido sobre a existência ou não do Papai Noel, pois no primeiro quadrinho, marcas linguísticas como “bem”, “decidi” e “acredito” parecem mostrar que o menino está fazendo uma concessão à existência dessa figura. E faz isso a partir do que denomina “análise de riscos”, ou seja, ele pensa que a crença em algo não é importante frente ao que pode ganhar. Observe-se o enunciado “eu acredito no que eles quiserem”. Interessante é o uso do “eles”, indefinindo o sujeito, mas que pode ser apreendido no último quadrinho: “o espírito natalino”. O que se vê, então, é que muda o tópico, mas não o tema – continua-se a criticar o comportamento dos homens, agora em relação a uma festa religiosa, o que demonstra o projeto enunciativo do autor, mostrando a subversão de valores sociais, evidenciando que o possuir é o mais importante.

Tira 08



Essa extensa tira formada por oito quadrinhos apresenta Calvin e Haroldo

interagindo em um lugar aberto, mais precisamente, brincando de guerra, o que é questionado pelo tigre. Na resposta do menino sobressai-se a palavra “bons exemplos”, demonstrando a crítica do autor. Essa seria uma primeira parte da tira, que poderia ser até mesmo independente dos demais quadros, os quais mostram inicialmente a organização da brincadeira. Se há uma guerra, ela se dá entre dois lados na perspectiva dicotômica mundial: capitalismo e comunismo, qualificados pelos adjetivos “destemido” e “defensor” e “oppressor” e “ateu”, respectivamente. Mostra-se, aqui o componente ideológico com que esses dois sistemas costumam ser caracterizados sob a ótica capitalista, representado pelo modelo norte-americano, principalmente, em uma ironia crítica, como se pode caracterizar o projeto do autor, numa relação dialógica como os discursos outros, estereotípicos, como o repetido na tira. Finalmente, no desfecho da brincadeira, é possível relacionar essa tira com as demais já analisadas, mas que versavam sobre a natureza. Na finalização, o enunciado “meio idiota” indica que se o tópico mudou – fala-se agora de guerra –, o tema continua o mesmo: a crítica ao comportamento dos homens, o que tem de estúpido ou idiota no seu comportamento.

Tira 09



A tira nove, representada através de três quadros, tem uma organização marcada por tópicos que parecem, inicialmente diferentes – dinheiro, no primeiro e a relação pessoas/animais no segundo. É no terceiro, no entanto, que se consegue estabelecer a conexão entre as partes, a partir das marcas “mudar” e “padrão” em

relação ao primeiro caso e “apreciam a sua companhia”, no segundo. Trata-se, então, de se afirmar, implicitamente, que as pessoas apreciam somente quem tem dinheiro, tentando mudar ou não aceitando quem não pensa como elas ou não segue o padrão imposto pela sociedade. Vê-se, portanto, que a crítica ao comportamento humano centra-se no verbo “apreciar”, cujo significado verdadeiro somente pode ser expresso pelos animais.

Tira 10



A última tira analisada neste trabalho tem como tópico uma indagação de Calvin a respeito da figura do Diabo e de sua capacidade de destruir a raça humana com sua maldade. No primeiro quadrinho é que está a marca linguística mais importante para que se compreenda o projeto enunciativo do autor – verbo “acredita”. Ou seja, questiona-se a crença de que há uma força superior que corromperia os homens e os levariam à destruição sem que eles quisessem ou fizessem algo para isso. No segundo quadrinho, a resposta do tigre mostra a crítica do autor: a raça humana não precisa que algo ou alguém faça o que eles já fazem, expresso pela palavra “ajuda”. Entende-se, aí que os homens já são agentes de um processo que diz respeito a "decompor(-se), estragar(-se), tornar(-se) podre; alterar(-se), desnaturar(-se), mudar(-se) para mal, depravar(-se), perverter(-se), viciar(-se); induzir ao mal: seduzir; peitar, subornar (definições do dicionário *Michaellis*). Assim, a crítica ao comportamento do homem é novamente o tema da tira.

### **3. Considerações finais**

Como anteriormente mencionado as tiras de Watterson evidenciam não se limitar ao universo lúdico e infantil de brincadeiras e trivialidades, o que mostra a profundida da escrita do autor e o engajamento deste em, através de suas personagens, debater no espaço de seus quadrinhos temas relevantes e questionadores à sociedade, e, diante disso, conquistar um público leitor indefinido por faixa etária. Sendo assim, o autor, de forma recorrente, quis apresentar tirinhas com temáticas universais que agradassem a todos os leitores típicos de jornais, e, talvez, tivesse a pretensão de suas personagens atraírem o olhar dos mais jovens para este meio de informação.

Através do recorte da análise e também de outras tiras do autor fica aparente que o cartunista norte-americano pretendia alcançar um interlocutor que soubesse tanto apreciar as tiras cômicas representativas das inquietudes e travessuras da infância de um menino de seis anos junto a seu tigre de pelúcia, como refletir diante de tiras em que este mesmo menino se encontra pensativo, filosófico, questionador e indaga a si mesmo e aos outros sobre as contrariedades do mundo.

Se dirigindo ao interlocutor, certas vezes, de forma irônica, outras de forma séria, através das suas personagens como Calvin, Haroldo, Susie, Dona Hermengarda, professora de Calvin, Rosalyn, babá do menino, etc. as tiras de Watterson produziram tanto risos em seu público leitor, como outras tiras que levando estes a um mundo filosófico, culminaram, certamente, em reflexões diante da vida. Dessa maneira, a análise discursiva possibilitou-nos a constatar que os diálogos narrados dentro dos quadrinhos das tiras permeavam uma postura crítica do autor diante da subversão dos valores sociais, o que evidencia a posição de Watterson em ridicularizar as atitudes mesquinhas dos seres humanos através de seu projeto enunciativo.

## REFERÊNCIAS

AZEREDO, José Carlos de. Segundo capítulo: o conhecimento da língua. In: \_\_\_\_\_. **Gramática Houaiss da língua portuguesa.** São Paulo : Publifolha, 2009. p. 52–60

BRAIT, Beth. As vozes bakhtinianas e o diálogo inconcluso. In: PESSOA DE BARROS, Diana Luz; FIORIN, José Luiz (orgs.). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade.** 2. ed. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003. p. 12–27

\_\_\_\_\_ ; MELO, Rosineide de. Enunciado / enunciado concreto / enunciação. In. BRAIT, Beth. **Bakhtin: conceitos-chave.** – São Paulo : Contexto, 2005. p. 61–78

\_\_\_\_\_. Análise e teoria do discurso. In: \_\_\_\_\_. **Bakhtin: outros conceitos-chave.** – São Paulo : Contexto, 2006. p. 09–31.

\_\_\_\_\_ ; PISTORI, Maria Helena Cruz. A produtividade do conceito de gênero em Bakhtin e o círculo. **Alfa**, São Paulo, v. 56, n. 2, p. 371–401, 2012.

Box **Calvin & Haroldo**. Edição 01 – São Paulo : Conrad Editora do Brasil, 2011.

FIORIN, José Luiz. Os gêneros do discurso. In: \_\_\_\_\_. **Introdução ao pensamento de Bakhtin.** – São Paulo : Ática, 2006. p. 60–75

NICOLAU, Vitor; MAGALHÃES, Henrique. As tirinhas e a cultura da convergência: adaptação dos gêneros dos quadrinhos às novas mídias. **Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba.** Ano IV. 2011

PEREIRA, Rodrigo Acosta; RODRIGUES, Rosângela Hammes. Os gêneros do discurso sob perspectiva da Análise Dialógica do Discurso do Círculo de Bakhtin.

**Letras**, Santa Maria, v. 20, n. 40, p. 147–162, jan./jun. 2010.

PESSOA DE BARROS, Diana Luz. Dialogismo, polifonia e enunciação. In:\_\_\_\_; FIORIN, José Luiz (orgs.). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade**. 2. ed. reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003. p. 01–09.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. Análise de gêneros do discurso na teoria bakhtiniana: algumas questões teóricas e metodológicas. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 4, n. 2, p. 415–440, jan./jun. 2004.

SARMENTO, Leila Lauer; TUFANO, Douglas. Linguagens e oralidade. In:\_\_\_\_. **Português : literatura, gramática, produção de texto** : volume único. São Paulo : Moderna, 2004, p. 330–335.

SOBRAL, Adail. Autoria e estilo. In:\_\_\_\_. **Do dialogismo ao gênero : as bases do pensamento do círculo de Bakhtin**. Campinas, SP : Mercado das Letras, 2009, p. 61–70. Série *Idéias sobre Linguagem*.

\_\_\_\_\_. Texto, discurso, gênero: alguns elementos teóricos e práticos. **Nonada Letras em Revista**, Porto Alegre, ano 13, n. 15, p. 09–29, 2010.

\_\_\_\_\_; GIACOMELLI, Karina. Uma análise discursiva do gênero charge: articulando marcas linguísticas e marcas enunciativas. 2015 (no prelo)

<http://calvinandharoldo.tumblr.com/> – Página da web acessada em 12/01/2014

<http://www1.folha.uol.com.br/livrariadafolha/2013/11/1372647-calvin-e-haroldo-tirinhas.shtml> – Página da web acessada em 12/01/2014

<http://ambrosia.virgula.uol.com.br/calvin-haroldo-de-bill-watterson/> – Página da web acessada em 13/01/2014

<http://noticias.universia.com.br/destaque/noticia/2014/01/02/1072562/7-lices-vida-calvin--haroldo.html> – Página da web acessada em 13/01/2014

TIRA 01: WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo : deu “tilt” no progresso científico.** In:\_\_\_\_; tradução André Conti. – São Paulo : Conrad Editora do Brasil, 2009, p. 29.

TIRA 02: <https://www.pinterest.com/pin/448671181601659186/> – Página da web acessada em 09 de novembro de 2015.

TIRA 03: WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo : Yukon ho!**. In:\_\_\_\_; tradução André Conti. - 2 ed. – São Paulo : Conrad Editora do Brasil, 2010, p. 63.

TIRA 04: \_\_\_\_\_. **Calvin e Haroldo : Yukon ho!**. In:\_\_\_\_; tradução André Conti. - 2 ed. – São Paulo : Conrad Editora do Brasil, 2010, p. 32.

TIRA 05: \_\_\_\_\_. **A hora da vingança : as aventuras de Calvin e Haroldo.** In:\_\_\_\_; tradução Adriana Schwartz. – São Paulo : Conrad Editora do Brasil, 2009, p. 104

TIRA 06: <http://cliquetando.xpg.uol.com.br/2012/08/tirinhas-do-calvin.html> – Página da web acessada em 28 de novembro de 2014.

TIRA 07: WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo : Yukon ho!**. In:\_\_\_\_; tradução André Conti. - 2 ed. – São Paulo : Conrad Editora do Brasil, 2010, p. 100.

TIRA 08: <http://kdimagens.com/imagem/por-que-a-gente-brinca-de-guerra-e-nao-de-paz-818> – Página da web acessada em 09 de novembro de 2015.

TIRA 09: WATTERSON, Bill. **A hora da vingança : as aventuras de Calvin e Haroldo.** In:\_\_\_\_; tradução Adriana Schwartz. – São Paulo : Conrad Editora do Brasil, 2009, p. 81.

TIRA 10: <http://irmaosanimais-conscienciahumana.blogspot.com.br/2014/04/a-filosofia-e-o-movimento-de-abolicao.html> – Página da web acessada em 09 de novembro de 2015.